

A assistência à saúde “revelada”: as fotografias do álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia

Health care “revealed”: photographs from the Bahia Public Health Board General’s album

Ricardo dos Santos Batista

Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia
Professor do PPGH/ UNEB/ Campus II, Alagoinhas

Resumo: Este texto analisa as potencialidades do uso de fotografias nos estudos sobre história da assistência à saúde, utilizando como exemplo o álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia. Esta fonte é parte do acervo do Arquivo Histórico do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. A metodologia utilizada na investigação trata a fonte como uma produção relacionada a um contexto, no qual se observa a ação do fotógrafo, o tema da foto e os recursos tecnológicos utilizados. Conclui-se que o uso de fotografias possibilita a compreensão de dimensões importantes da história da assistência a exemplo das formas de organização das instituições e departamentos de saúde, a ação dos profissionais de saúde e o tratamento de pacientes.

Palavras-chave: Assistência à Saúde, Fotografia, Fontes Históricas.

Abstract: This text analyzes the potential use of photographs for studies on the history of health care, using as an example the Bahia Public Health Board General’s album. This source is part of collection of the Geographical and Historical Institute of Bahia. The methodology used in the investigations treats the source as a production related to a context, in which photographer’s action, the subject of the photo and the technological resources used are observed. It is concluded that the use of photographs enables the understanding of important dimensions of the history of care, such as the forms of organization of Institutions and health departments, the action of health professionals and the treatment of patients.

Key-words: Health Care, Photography, Historical Sources.

Este texto tem como objetivo analisar as potencialidades da utilização de fotografias em estudos sobre história da assistência à saúde,¹ a partir da análise do álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (DGSPB), que se encontra no Arquivo Theodoro Sampaio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB).² Embora essa fonte histórica não apresente uma data de produção, foi criada quando o médico Gonçalo Moniz Sodré de Aragão atuou na saúde pública da Bahia, nas primeiras décadas do século XX, e permite entre outros aspectos: problema-

1. O conceito de assistência é elaborado por Robert Castel (2010, p. 47), como “um conjunto extraordinariamente diversificado de práticas que se inscrevem numa estrutura comum determinada pela existência de certas categorias de populações carentes e pela necessidade de atendê-las.”

2. O IGHB está situado na Avenida Joana Angélica, nº 43, bairro da Piedade, em Salvador Bahia.

tizar os motivos pelos quais está sob a guarda do IGHB; entender perfis sociais e o cotidiano das personagens que atuaram na assistência à saúde em Salvador nas primeiras décadas do século XX; identificar a arquitetura das instituições de assistência, as tecnologias disponíveis para o tratamento dos enfermos e a organização dos espaços físicos.

A análise é realizada em duas seções. A primeira tratará da utilização das fotografias como fontes históricas. Na segunda, as fotos do álbum serão analisadas, discutindo-se como esse tipo de registro pode contribuir para os estudos sobre assistência à saúde no Brasil.

Fotografias como fontes históricas

As transformações na historiografia, oriundas do movimento dos *Annales* a partir de 1929, reorientaram os historiadores sobre o conceito de fonte histórica. O grupo, associado ao periódico inicialmente intitulado *Annales d'histoire économique et sociale*, ampliou as possibilidades de escrita histórica, passível de ser realizada com base em quaisquer vestígios relacionados à ação humana no tempo, em contraposição ao uso exclusivo de fontes escritas e oficiais que sustentavam uma história das “grandes personalidades” políticas desde o século XIX (BLOCH: 2001). Entre os pressupostos dos *Annales* estavam a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema; a passagem para uma história de todas as atividades humanas e não apenas a história política; e, por fim, a colaboração com outras disciplinas tais como a geografia, a sociologia e a antropologia social (BURKE, 1997: 12).

Embora historiadores do século XIX, como Jacob Buckhardt e Johan Huizinga, já tivessem utilizado imagens na produção de textos sobre o Renascimento e a Idade Média, foi ao longo do século XX que o uso dos acervos visuais se consolidou na comunidade de historiadores. A transição entre as décadas de 1960 e 1970 foi importante para a compreensão dos usos das fotografias que, inicialmente, eram vistas como reflexo da realidade em textos de alguns pesquisadores:

Para a nova onda de história social como um todo, a descoberta da fotografia foi sobredeterminada e não era surpreendente que fosse tão extensamente e tão imediatamente levada avante. Então como agora correspondeu à procura por documentos “humanos” – uma das senhas de “história viva”. Parecia responder ao nosso apetite insaciável pelo imediato, permitindo-nos tornar literal e metaforicamente, testemunha ocular do evento histórico. (SAMUEL, 1997: 51).

Ana Maria Mauad e Marcos Felipe de Brum Lopes (2012: 265-267) dividem o uso da fotografia pelos historiadores em dois momentos: se ao longo do século XIX e parte do XX a prática fotográfica e seus resultados eram vistos como elementos da natureza (captando a cena “tal qual ela ocorreu”), a crítica do século XX os impulsionou para dentro da experiência social. Problematizou-se o referente fotográfico e seus desdobramentos na natureza fotográfica, buscando os seus sentidos na ontologia da imagem e em seus atributos estéticos, políticos e fenomenológicos. A utilização das fotografias passou a considerar as condições de produção daqueles registros. Tornou-se o resultado das ações de homens e de mulheres, do fotógrafo que em determinado espaço e tempo optou por um assunto específico e que, para seu registro, empregou os recursos

oferecidos pela tecnologia (KOSSOY, 2020: 41).

O desafio do uso de fotografias não ocorre sem riscos. Para que esse procedimento ocorra de forma eficaz e “segura”, é necessário estar ciente das suas fragilidades. A “crítica da fonte” de documentos escritos se tornou parte essencial da qualificação dos historiadores. Já a crítica da evidência visual permanece pouco desenvolvida, mesmo que o testemunho de imagens, assim como o dos textos, suscite problemas de contexto, função retórica, recordação (se exercida pouco ou muito tempo depois do acontecimento), testemunho de segunda mão, etc. (BURKE, 2017: 26).

Nesse sentido, diferentes autores, a exemplo de Cardoso e Mauad (1997), Mauad e Lopes (2012) e Kossoy (2020) se debruçam sobre a análise de pressupostos metodológicos que auxiliem autores a enfrentar os desafios da escrita a partir das fotografias. Uma das primeiras atitudes deve ser a “desnaturalização” da imagem, compreendendo que uma fotografia é uma forma de expressão visual indivisivelmente incorporada ao seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializaram: “uma fotografia original é, assim, um *objeto imagem*: um *artefato* no qual se pode detectar sua estrutura, as características técnicas típicas da época em que foi produzido (KOSSOY, 2020: 45, grifos do autor).

Se toda fotografia é uma construção, cabe ao historiador desvendar as possíveis conexões existentes no seu processo de montagem. Segundo Kossoy (2020: 48-49), toda fotografia tem uma história atrás de si. Um olhar para uma fotografia do passado necessita situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar, a *intenção* da sua existência, que pode ter partido do próprio fotógrafo, motivado a registrar determinado tema do real, ou de um terceiro que o incumbiu para aquela tarefa; *o ato do registro* que criou a fotografia; e, por fim, os *caminhos que ela percorreu*, as mãos pelas quais passou, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os álbuns em que foi guardada, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos pelas quais foi salva.

De forma semelhante a Kossoy, Mauad e Lopes (2012, p. 280) propuseram quatro pontos essenciais para a análise fotográfica que merecem a atenção do pesquisador: a produção, que parte do dispositivo mediador entre o sujeito que olha e a imagem que elabora; o produto, que é uma imagem consubstanciada em matéria como objetivação do trabalho humano em um processo de produção de sentido social e como relação social; o agenciamento, um processo social que envolve a trajetória das imagens como artefatos, como objetos que são guardados, distribuídos, manuseados, arquivados e destruídos; e a recepção, sabendo que o valor atribuído à imagem que a produz estrutura um regime de recepção da visualidade e seus espaços: informação, arte, intimidade.

Quanto mais informações o historiador tiver sobre aquela fonte, alcançará maior êxito em sua tarefa. Há alguns arquivos não organizados, que acumulam fotos sem datas ou sem legendas, dificultando a localização da produção da fonte no espaço/tempo de produção. Mesmo quando o acesso à fotografia ocorrer nesses moldes, considera-se que ela pode contribuir para a pesquisa, para a (re)construção de um contexto. Quanto mais o pesquisador conhecer sobre o suposto período histórico, as pessoas, as instituições ou as paisagens analisadas, maior será sua capacidade analítica.

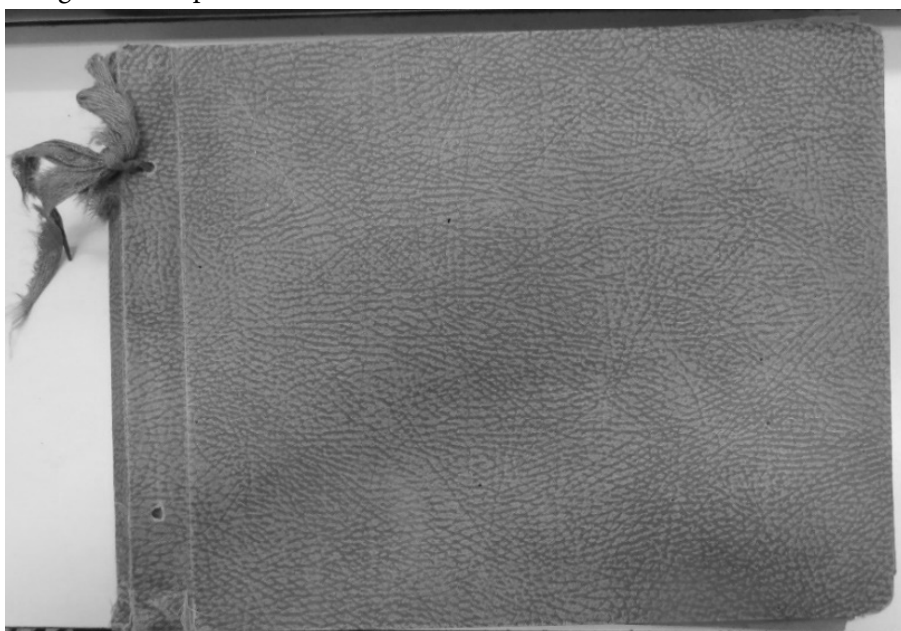
O álbum da DGSPB, objeto de estudo nessa pesquisa, não é acompanhado de uma descrição sobre suas condições de produção. Mas as fotos, imagens e legendas indicam que se constituiu como um instrumento de promoção daquele órgão, em Salvador-Bahia, entre aproximadamente 1916 e 1924. Ao mesmo tempo, oferece inúmeras pistas para se pensar a assistência à saúde naquela realidade.

Fotografia e Assistência à saúde: possibilidades de análise de um álbum

O que um álbum de fotografias pode oferecer a um pesquisador da história da assistência à saúde? Que elementos podem ser compreendidos a partir desse tipo de fonte? É o que se pretende responder por meio da análise do álbum da DGSPB.

Esta fonte foi encontrada no IGHB durante a coleta de documentos para o projeto *História da Saúde na Bahia*.³ Sem informações na capa, amarrada apenas por um laço em uma das duas perfurações na lateral (Figura 1), poderia passar despercebida aos visitantes do Arquivo Teodoro Sampaio. O verso da capa exibe um selo da Imprensa oficial do Estado e, na primeira página, uma dedicatória em caligrafia pouco legível. Não é possível afirmar o primeiro nome do doador, apenas o sobrenome Fróes.

Figura 1 – Capa do álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Um caminho possível para explicar o percurso do álbum até a doação ao IGHB, a partir da dedicatória, é que tenha sido transmitido entre diferentes gerações de uma família de médicos que atuaram em Salvador: a de Francisca Prager Fróes (1872-1931). Ao longo da primeira metade do século XX, a médica foi uma personalidade de destaque na saúde brasileira, considerada

3. O projeto contou com o auxílio do Edital Universal 2018, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, processo 428804/2018-7. Agradecemos à pesquisadora Mona Lisa Nunes de Souza pelo trabalho de pesquisa em arquivo como bolsista.

por Hochman e Lima (2015), como uma das médicas “intérpretes do Brasil”.

Diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1893, ao longo da sua carreira foi convidada para a equipe do periódico *Gazeta Médica*, do qual integrou a redação em 1908, ao lado de Gonçalo Moniz de Aragão (RAGO, 2015:137). O álbum pode ter sido um presente ofertado pelo médico alguns anos após essa experiência, como recordação da sua gestão na saúde pública da Bahia. Embora não se possa afirmar que a fonte realmente pertenceu à família de Francisca, que contava com outros médicos como Heitor Prager Fróes, é provável que tenha sido propriedade das elites econômicas, políticas e/ou médicas soteropolitanas, visto que a sua temática era de interesse estritamente relacionando à saúde pública, campo ocupado por esses grupos ao longo de todo o século XX. A dedicatória ao IGHB é de 16 de outubro de 1957.

Se, por um lado, não foi possível encontrar dados mais consistentes sobre o doador, por outro, a escolha do IGHB para receber as fotografias apresenta pistas sobre a motivação da doação, com desejo de perpetuação da memória e da história médica. Segundo Aldo José Morais Silva (2012: 99), a Bahia foi a primeira província a abraçar o exemplo dado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que almejava construir a história da nação brasileira, quando criou o Instituto Histórico da Bahia, com funcionamento entre 1856 e 1877. No entanto, 17 anos após o encerramento das suas atividades, surgiu o IGHB, em um outro momento político do estado e da nação: a República. Baseado nos princípios do positivismo e na expectativa da modernização do país, o regime Republicano funcionava como um meio de colocar as elites baianas em sintonia com o novo momento histórico, já que o estado era, em sua maioria, monarquista (SILVA, 2012: 119). O IGHB nasceu anunciando o propósito geral de identificar, organizar e guardar documentos relativos à História e à Geografia, produzir biografias; corresponder-se com instituições similares nacionais e estrangeiras; organizar bibliotecas, museus etnológicos, exposições temáticas, entre outros.

O IGHB era integrado por intelectuais, médicos, engenheiros e advogados. Uma instituição que produzia e guardava o conhecimento das/sobre as elites intelectuais baianas. Foi um guardião da sua memória. Um lugar “adequado” para se entregar um álbum organizado por Gonçalo Moniz Sodré de Aragão que, não por acaso, também foi sócio daquela instituição (SILVA, 2012, 175).

Ao analisar as três primeiras páginas do álbum, verificam-se a dedicatória, a foto que apresenta Gonçalo Moniz Sodré de Aragão como Diretor Geral de Saúde Pública, e uma imagem de Alberto Muylaert, seu substituto enquanto ocupou o cargo de Secretário de Interior (1916-1920) (Figura 1). Esses indícios auxiliam a identificar o período em que a fonte foi produzida. Segundo Barreto (1928, p. 20), Gonçalo Sodré Moniz de Aragão foi Diretor da repartição de saúde da Bahia entre 19 de outubro de 1914 e 19 de junho de 1916; e retornou ao mesmo cargo entre 1 de abril de 1920 e 5 de março de 1924. A foto dos dois médicos, com Muylaert apontado como diretor interino (entre 1916 e 1920), indica a pretensão de creditar os feitos da saúde, retratados no álbum, à gestão de Sodré de Aragão, diretor efetivo, mesmo que estivesse ocupando outro cargo e necessitasse de um substituto.

As personalidades médicas retratadas viviam em uma cidade na qual os bens de saúde pública estavam em constante transformação desde fins do século XIX, Salvador. Souza (2009, cap.

1) indica os esforços realizados por diferentes governadores do estado para a construção de um aparato de assistência à saúde, em uma capital cheia de becos e cortiços e que era considerada uma porta de entrada para as epidemias devido ao trânsito de pessoas na zona portuária. Nesse contexto, após os dois primeiros anos do primeiro governo de José Joaquim Seabra (1912-1916), durante a gestão de Antônio Ferrão Moniz de Aragão (1916-1920) e o segundo Governo de Seabra (1920-1924), Gonçalo Moniz exerceu influência significativa sobre a administração sanitária do estado.

Figuras 2 e 3 – Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (Diretor Geral de Saúde Pública) e Alberto Muylaert (Diretor de Saúde Pública interino).



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

A preocupação em fotografar as ações realizadas no campo da saúde baiana, por parte das autoridades sanitárias, também é apresentada por Batista e Silva (2020) sobre a gestão do médico sanitarista Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto (1924 e 1930), nas imagens dos relatórios das Sub-Secretaria e Secretaria de Saúde e Assistência Pública da Bahia. Os órgãos estatais se empenhavam na produção desse material para que funcionassem como “vitrine”, em gerenciamentos políticos.

A maior parte das fotos do álbum analisado apresenta personagens que se prepararam – com roupas específicas e com uma localização espacial aparentemente demarcada previamente – para serem captadas pelas lentes do fotógrafo que não pôde ser identificado, mas que, certamente, prestava serviços profissionais. As imagens têm qualidade destacável, enquadramento padrão em relação aos indivíduos e às instituições fotografadas e boa luminosidade, mesmo em fotos de ambientes internos. Assim, é possível afirmar que o fotógrafo desejava “captar” o funcionalismo público da saúde em imagens que demonstrassem profissionalismo. Fotos de caráter oficial, a partir de uma ação coordenada sobre indivíduos como o grupo de Diretores dos Serviços de Saúde Pública da Bahia, os médicos da Assistência Pública, enfermeiros, desinfetadores,

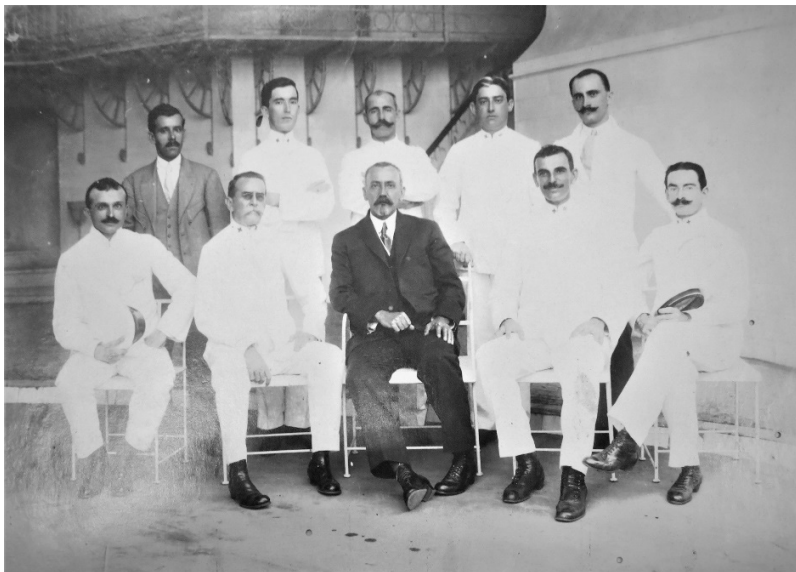
e membros do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia (Figuras 6, 7, 8 e 9).

Figura 5 – Grupo dos Diretores dos Serviços da Saúde Pública da Bahia.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 6 – Grupo de Médicos da Assistência Pública.



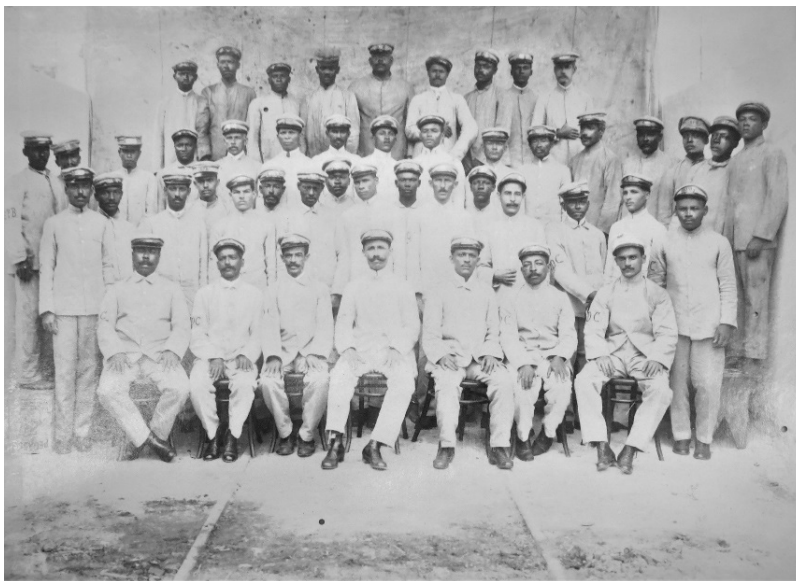
Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 7 – Enfermeiros.



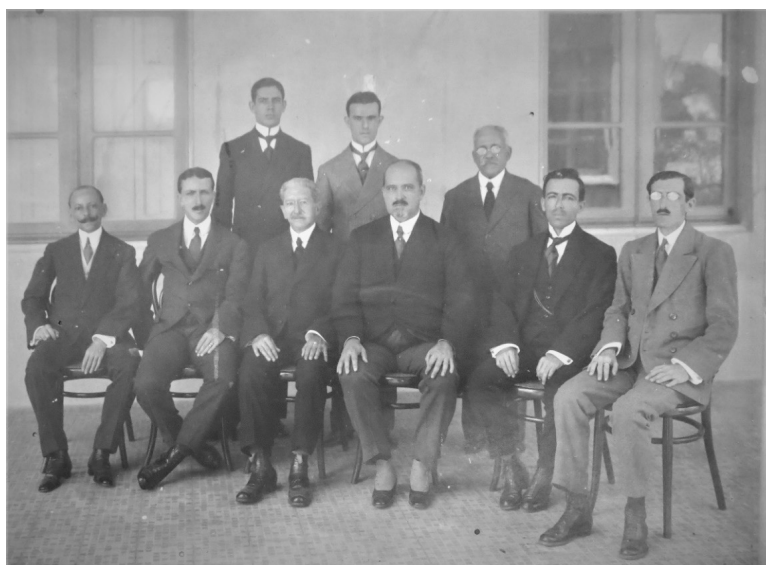
Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 8 – Desinfetadores.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 9 – Diretor (Augusto César Viana, no centro da foto) e demais funcionários do Instituto Oswaldo Cruz.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Os elementos que compõem a “construção” de uma imagem ainda podem ser observados, por exemplo, na forma como as caixas de primeiros socorros foram dispostas na Figura 7, uma aberta e outra fechada no chão, para mostrar, àqueles que observam a imagem, os instrumentos de trabalho dos enfermeiros. Ou mesmo nos uniformes limpos dos desinfetadores, responsáveis pelos expurgos no caso de doenças endêmicas e, principalmente, epidêmicas como a varíola e a gripe espanhola, respectivamente em 1918 e 1919 (SOUZA, HOCHMAN, 2012; SOUZA, 2009).

O Brasil foi gerido por um modelo liberal, ao longo do Império e de parte da República, no qual o Estado não se via responsável pelas ações de saúde. Cabia à própria sociedade a organização para assistir pessoas necessitadas, exceto em períodos de calamidade pública. Isso não significa ausência do Estado, mas a opção por um modelo específico de gestão sanitária. Com a Proclamação da República, e a Constituição de 1891, coube aos estados e municípios administrar questões como a educação e a saúde. É possível que Gonçalo Moniz tentasse transmitir a imagem de um corpo consistente de funcionários que atuava em instituições de pesquisa e de assistência à saúde de Salvador, na visitação a casas e estabelecimentos comerciais, se forem observados como os indivíduos estavam dispostos nas fotos do álbum da DGSPB.

Um outro aspecto que pode ser compreendido pelo álbum é a conformação de espaços e equipamentos de assistência à saúde na Salvador das primeiras décadas do século XX. As fotografias apresentam as auto-ambulâncias (Figuras 10 e 11), que eram carros adaptados com recursos necessários ao atendimento de urgência como o atropelamento por carros, acidentes de trabalho e outros eventos que necessitassem de atendimento imediato. Ao analisar a atuação do Serviço de Higiene Industrial da Bahia, criado na década de 1920, Batista (2020b) mostra como trabalhadores soteropolitanos estavam expostos aos acidentes de trabalho. O autor analisa o caso do carregador Oscar Loreano, que conduzia dois maços pesados de fumo quando passou embaixo de um guindaste e uma lingada de mil quilos caiu sobre sua cabeça, nas Docas do Porto

de Salvador.

As salas que compunham o departamento de saúde da Bahia também estão presentes nas fotografias, como o Posto Médico do Serviço de Assistência Pública (com quatro médicos sentados em diferentes posições); a sala de operações (limpa, organizada e com instrumentos utilizados pelos médicos à mostra); o serviço de otorrinolaringologia (que foi fotografado com um médico atendendo um paciente); e a sala de raios-X (Figuras 12, 13, 14 e 15).

Figura 10 – Auto-ambulâncias.



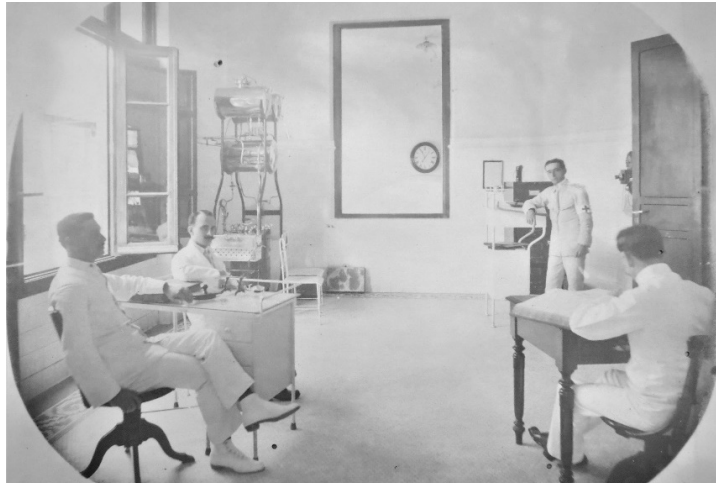
Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 11 – Auto-ambulância aberta.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 12 – Posto Médico – Assistência Pública.



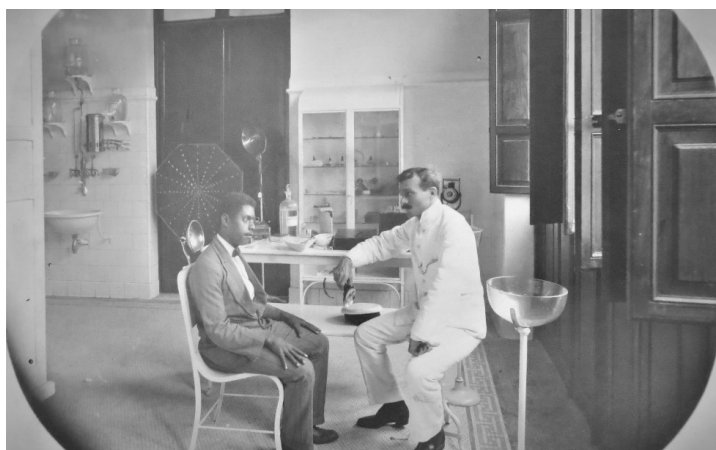
Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 13 – Sala de Operações – Assistência Pública.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 14 – Gabinete Otorrino-laringológico – Assistência Pública.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 15 – Sala de raios-X – Assistência Pública.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Por meio das imagens, que apresentam os espaços de assistência, é possível visualizar quais recursos tecnológicos existiam em determinado momento e entender suas formas de utilização. Não com o objetivo de compará-los com instrumentos mais recentes, em uma perspectiva evolucionista do conhecimento científico, mas para compreender os seus usos em determinado contexto. Cada momento histórico possibilita a emergência de determinadas tecnologias de saúde (cf. MOTA; SCHRAIBER, 2014), vistas como um conjunto de ferramentas. Entre elas estão as ações de trabalho, que põem em movimento uma ação transformadora da natureza.

Finalmente, e entre tantas outras possibilidades que um álbum de fotografias pode oferecer, está a percepção da cidade, da arquitetura das instituições de saúde e dos conhecimentos científicos presentes nelas. Imagens como a de desinfecção por meio de agentes pulverizadores e a de transporte de doentes, cadáveres e roupas deixam à mostra uma dimensão do urbano (Figuras 16 e 17). Um urbano que, em alguns momentos, se apresenta poético. Que aparece como uma característica do estilo daquele que fotografou o seu objeto, mas não se furtou de mostrar o que estava além dele. Por trás das paredes fotografadas, em algumas das imagens, estão pequenas casas ainda no estilo colonial e árvores frondosas que compunham a paisagem e que dividiam espaço com elementos de uma “modernidade”, como o bonde elétrico.

Figura 16 – Desinfecção por meio de pulverizadores.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 17 – Transporte de doentes, cadáveres e roupas.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Um dos grandes destaques do álbum da DGSPB foi o Instituto Oswaldo Cruz da Bahia (IOC-BA). Segundo Souza (2009, p. 78), o IOC-BA dispunha de uma seção voltada para as pesquisas bacteriológicas, de microbiologia e parasitologia, com o intuito de favorecer a elucidação da etiologia e profilaxia das epidemias, endemias, epizootias, enzootias, bem como de quaisquer outras doenças transmissíveis. Essa repartição pública também tinha a responsabilidade de preparar e inocular as vacinas antivariólica e anti-rábica. Em 1918, a equipe era composta por Augusto Cezar Vianna, o médico bacteriologista Horácio Martins, Elysio de Moura Medrado (médico ajudante), Manoel Bayma de Moraes (médico ajudante), Genésio de Seixas Salles (médico ajudante) e Fernando Didier (médico ajudante).

A ênfase no IOC-BA pode significar uma tentativa das autoridades médicas e de saúde do estado de apresentar uma medicina robusta. Desde o início do século XX, instituições como o

Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, e o Instituto Butantan, em São Paulo, se empenhavam na produção de soros e vacinas (BENCHIMOL; TEIXEIRA, 1993), mas a Bahia não tinha uma instituição correlata. Salvador possuía uma Faculdade de Medicina que foi criada em 1808, ainda com o nome e formato de Escola de Cirurgia da Bahia. Mas, ao que parece, somente no pós-1925 o estado investiu na produção de insumos mais complexos, quando o médico Eduardo Araújo, que viajou para os Estados Unidos financiado pela Fundação Rockefeller ocupou o cargo de diretor do IOC-BA, que foi equipado com nova aparelhagem (BATISTA, SILVA, 2020; BATISTA, 2020a). Isso não impediu que Gonçalo Moniz exibisse a estrutura daquele espaço e as atividades que eram realizadas pelos médicos e pesquisadores ligados à instituição, como por exemplo a vacinação por meio da inoculação de vitelo (Figuras 18, 19, 20, 21, 22 e 23).

Essas imagens também podem ser analisadas a partir de um olhar específico da arquitetura que, cada vez mais, tem se voltado para a compreensão dos estilos utilizados na construção de prédios onde funcionaram serviços de assistência à saúde, assim como a modificação desses espaços ao longo do tempo. Muitos daqueles espaços adquiriram novas funções e as reformas não respeitaram o seu estilo arquitetônico original (ANDRADE JÚNIOR, SOUZA, 2020).

Figura 18 – Laboratório Bacteriológico do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 19 – Biotério do Laboratório Bacteriológico.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 20 – Vacinação de vitelo vacinogênico.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 21 – Edifício antirrábico – Instituto Oswaldo Cruz da Bahia.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 22 – Vacinação de um coelho – Laboratório Antirrábico.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Figura 23 – Laboratório Vacinogênico.



Fonte: Álbum da Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia (s.d.)

Considerações finais

A utilização de fotografias nos estudos de história da assistência à saúde pode contribuir significativamente para a compreensão de contextos, das suas personagens, instituições e técnicas científicas. O pesquisador necessita, no entanto, estar atento aos pressupostos específicos que regem o trabalho com esse tipo de fonte, para não cair na ilusão da imagem como um retrato fiel do passado. A fotografia é resultado de uma construção que envolve diferentes atores, em especial o fotógrafo – sua subjetividade – e os fotografados.

Uma observação a ser feita a partir do álbum da DGSPB é que, em uma fonte elaborada com as suas intenções, o espaço ocupado pelas populações assistidas é pequeno ou nenhum. O documento é uma “carta” direcionada às pessoas que queiram conhecer os representantes do Estado. Assim, é a intencionalidade da produção da fonte que determina os indivíduos que serão retratados nela.

Não seria possível, nem é intenção aqui, esgotar todas as possibilidades de interpretação de um álbum de fotografias, mas colocar em discussão o seu potencial, para compreender formas de organização das instituições e departamentos de saúde, a ação dos profissionais de saúde e o tratamento de pacientes, entre outros.

Essa análise metodológica pode ser inspiradora para estudos com outras fotos, que se encontram sob a guarda de outras instituições, mas também aquelas que habitam estantes, baús, sótãos. Que aguardam a ação do historiador na sua escolha, na sua eleição como documento/monumento (LE GOFF, 1990), como uma das muitas possibilidades de estudar a relação entre história e saúde no tempo.

Referências

ÁLBUM DA DIRETORIA GERAL DE SAÚDE PÚBLICA. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Arquivo Theodoro Sampaio, s/d.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de; SOUZA, Laís de Matos. Da pneumologia à pediatria:

transformações e permanências do edifício da Clínica Tisiológica da Universidade da Bahia. In: BATISTA, Ricardo dos Santos; SOUZA, Christiane Maria Cruz de; SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da. *Quando a história encontra a saúde*. São Paulo: Hucitec, 2020.

BARRETO, Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros. *Relatório da Secretaria de Saúde e Assistência Pública*: anno de 1927. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1928.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Bolsistas da Fundação Rockefeller e a internacionalização da saúde brasileira: viagens de médicos da Faculdade de Medicina da Bahia aos Estados Unidos (1920-1925). In: BATISTA, Ricardo dos Santos; SOUZA, Christiane Maria Cruz de; SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da. *Quando a história encontra a saúde*. São Paulo: Hucitec, 2020a.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Serviço de Higiene Industrial: trabalho, saúde e doença na Reforma Sanitária da Bahia (1925-1930). *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, p. 1-25, 2020b.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da. A atuação de Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto na Reforma Sanitária da Bahia (1924-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 313-337, 2020.

BENCHIMOL, Jaime Larry; TEIXEIRA, Luiz Antônio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

BLOCH, Marc. *Apologia à história ou o ofício do historiador*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro F e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Tradução de Iraci D. Poleti. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade (Orgs.). *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro F. E VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier; Campus, 2012, p. 263-281.

MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima. Medicina sob as lentes da História: reflexões teórico-metodológicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 19, v. 4, 2014. p. 1085-1094.

RAGO, Elizabeth J. Francisca Prager Fróes: aspirações feministas e os limites da construção da nação. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade (Orgs.). *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. *Projeto História – São Paulo*, São Paulo, v. 14, p. 41-81, fev. 1997.

SILVA, Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: origens e estratégias de consolidação institucional 1894-1930*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Salvador: Edufba, 2009.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de; HOCHMAN, Gilberto. Ano de nove, ano de varíola: a epidemia de 1919, em Salvador, Bahia. *Fênix – Revista de História e estudos Culturais*. Ano 3, v. 9, n. 9. p. 1-19, set.-dez., 2012.

Artigo submetido em 08/06/2021

Aceito em 30/06/2021